

## Resenha

### **Mediação & midiatização**

(MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JR., Jelder; JACKS, Nilda (Orgs). Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012)

Ana Maria Dantas de MAIO<sup>1</sup>

Densidade não rima com conforto, mas essas duas descrições convergem ao final das 327 páginas de “Mediação & Midiatização”, o livro lançado pela Compós em 2012. A princípio, as discussões teórico-conceituais parecem pesadas, emaranhadas em questões epistemológicas profundas envolvendo o campo da Comunicação. Página vai, página vem, o leitor descobre o prazer de mergulhar em um conhecimento sólido e muito bem fundamentado a respeito de dois conceitos que chegaram para ficar nos estudos comunicacionais.

Esse prazer e esse conforto provenientes da leitura completa da obra estão longe de conduzir a certezas e convicções; pelo contrário, a cada novo artigo, interrogações brotam dos parágrafos como sementes na terra em temporada de chuvas fartas. Mas não é essa a lógica da construção do saber? Não cabe à dúvida o papel de incitar a curiosidade científica?

Parte dessa impressão de bem-estar emerge das interpretações que os autores apresentam de textos complexos, como os originais de Jesús Martín-Barbero, seus meios e mediações, e de Muniz Sodré, formulador do não menos instigante conceito de *bios midiático*. O leitor da coletânea terminará sua incursão com a sensação de, enfim, ter compreendido alguns sentidos possíveis ofertados por esses dois ícones dos estudos em comunicação e cultura na América Latina.

A obra de Martín-Barbero é “dissecada” pelos estudiosos brasileiros, que confrontam o pensamento do escritor espanhol-colombiano com outros teóricos latinos e europeus e – o mais interessante – com ele mesmo. O *update* da teoria das mediações,

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: anamaio@uol.com.br

publicado em uma entrevista na revista *Matrizes*, em 2009, é amplamente debatido pelos autores, “por ter passado de uma proposição sobre ‘mediações culturais da comunicação’, para uma ênfase nas ‘mediações comunicativas da cultura’” (p. 51). É arriscado teorizar sobre mediação sem mencionar Martín-Barbero.

Outro autor recorrente no livro é José Luiz Braga, cujas ideias são citadas, discutidas, exploradas e conduzidas ao patamar de referência quando o tema é a midiatização. E não sem motivo e mérito. O próprio Braga, que abre a sequência de artigos, introduz uma problemática estimulante para nosso campo de estudos: as noções de circulação e de circuitos, ou seja, o processo e os trajetos que a mensagem midiática (ressignificada) pode percorrer depois de atingir o (primeiro) receptor. “Esse ‘fluxo adiante’ acontece em variadíssimas formas – desde a reposição do próprio produto para outros usuários (modificado ou não); à elaboração de comentários – que podem resultar em textos publicados ou em simples ‘conversa de bar’ sobre um filme recém visto” (p. 39).

*Mediação & Midiatização* é dividido em duas partes. A primeira, essencialmente teórica, induz seus leitores a refletirem sobre os dois conceitos e suas interfaces. Estabelece a base para que o interlocutor chegue aos textos finais tatuado de uma noção nada superficial a respeito do tema. É quando a leitura fica ainda mais saborosa porque o delineamento teórico vai patentear interessantes pesquisas empíricas focadas no jornalismo, na religião, na fotografia, no cinema, na questão agrária e até na doença do ex-presidente Lula. Nesta segunda parte, os estudos de caso associados aos conceitos de midiatização e mediação potencializam o entendimento conceitual, metodológico e teórico. Tudo parece fazer sentido.

E por falar em sentido, é marcante nas narrativas científicas o suporte teórico advindo da semiótica. Se o leitor tiver uma vaga noção sobre linguística, estudos da linguagem, análise de discurso, atribuição de sentidos e enunciação, a obra se tornará mais degustável. Não são poucos os autores que recorrem a essa corrente para descrever e desvendar os fenômenos da midiatização e da mediação.

Um dos destaques metodológicos da coletânea pende para o artigo “Sob o signo de Hermes, o espírito mediador: midiatização, interação e comunicação compartilhada”, de Cláudio Cardoso de Paiva. Ele vai buscar na mitologia grega a figura de Hermes – Mercúrio na latina e Hermes Trismegistos (na versão híbrida com o deus egípcio Thot)

– para tentar explicar os dois conceitos. “Há algo de novo no ar!” (p. 149), anuncia Paiva, referindo-se à internet. E há algo de ousado no texto, que recorre a Hermes como “uma vigorosa chave interpretativa dos ‘mistérios do mundo’ na mitologia antiga que nos serve como ferramenta metodológica para entendermos as mídias, o processo de midiatização sociotecnológica e as mediações atuais” (p. 162). Hermes não aparece sozinho na construção textual. Traz consigo as derivações – hermético, hermenêutica – que, igualmente, convidam o leitor a filosofar. Merece um brinde!

Se um dos artigos nos leva a viajar no tempo à procura de Hermes, outro nos conduz a espaços distantes, além-mar, para apresentar o pensamento germânico a respeito dos dois conceitos. Surpreendente observar o peso que a comunidade científica alemã decidiu atribuir ao conceito de midiatização. Por questões práticas, essa ideia abarca todo o conjunto de pesquisas ligadas à comunicação (e seus devidos financiamentos), como um conceito guarda-chuva. Lá, o entendimento de *media*, *medium*, midiatização e mediação guarda semelhanças e diferenças em relação às nossas teorias latino-americanas. Decifrar essas inter-relações foi o que inspirou Marco Toledo Bastos a submeter seu artigo. Sorte dos brasileiros, que têm a chance de conhecer outras perspectivas, outros cenários.

Ainda no campo da exploração metodológica, vale conferir a proposta de Jorge Cardoso Filho, que parece invocado com a ausência de metodologias que permitam operacionalizar a teoria das mediações – ou do uso social dos meios. “Pesquisas recentes estão questionando metodologicamente a envergadura explicativa da teoria de Martín-Barbero” (p. 172). O autor vai buscar no conceito de experiência e nos teóricos da materialidade o mecanismo para instituir um procedimento de análise. Sugere a metáfora do “relevo” onde Martín-Barbero recomenda um “plano”. E o leitor tem todo o direito de se perguntar: bastaria uma simples mudança de eixo?

O desenvolvimento da sociedade midiática contemporânea não deixa dúvidas de que os conceitos de mediação e midiatização vão se infiltrar cada vez mais nos estudos comunicacionais. Diante dessa tendência, a coletânea da Compós firma-se como referência incontestável para as pesquisas na área. Os dois fenômenos se entrecruzam e, para alguns autores, até se hibridizam – um faria parte do outro. Compreender esses sombreamentos faz-se absolutamente necessário, especialmente porque a mediação e a midiatização aproximam as esferas da comunicação e da cultura. No livro, há quem

defenda e quem critique essa abordagem. Não é uma questão de tomar partido. Mas essas indicações – favoráveis e contrárias aos rumos que as teorias seguem – representam um salutar amadurecimento da pesquisa comunicacional (ou cultural?) brasileira.

Finalizar a leitura atribuindo um sentido à mediação e outro à midiatização induz ao sentimento de satisfação, ainda que temporária. Porque a ciência nos provoca a todo o instante e é imperativo deixar para trás a tal “zona de conforto”. Portanto, diante de proposições tão densas e reflexões naturalmente profundas, a melhor pergunta a fazer ao fechar a contracapa é: “será mesmo que eu entendi?”